

SEQUÊNCIA 1

A poesia de Alberto Caeiro

De todos os heterónimos, grandes e pequenos, ele é o mais radicalmente diferente do “próprio” Pessoa autor do *Cancioneiro*, e do homem Pessoa, o da biografia. Podemos sentir repelidos por esta “poesia” que recusa todos os atributos habituais do género: o canto, a emoção, a inspiração, a elevação do espírito, o metro, a rima, os ornamentos as imagens. Nela não encontramos nem metáforas, nem metonímias, nem sinédoques, mas muitas tautologias: “As estrelas não são senão estrelas / Nem as flores senão flores... A borboleta é apenas borboleta / E a flor é apenas flor... Digo da pedra, “é uma pedra”, / Digo da planta, “é uma planta”, / Digo de mim, “sou eu”. Podemos ver provocação nesta simplicidade afetada. Mas é aí, nessa “prosa” dos seus versos, que melhor podemos apreender o que faz a essência do génio de Pessoa; é aí, na boca ou na pena de Caeiro, que ele nos traz verdadeiramente um arrepio novo. [...]

Pessoa “ele mesmo”, nos seus poemas “esotéricos”, na *Mensagem*, nos seus ensaios sobre a iniciação, há de tentar sondar os limites da condição humana para o alto, na direção do “céu”. Caeiro, esse, quer experimentar-lhe os alicerces, cá em baixo, na terra. [...] Ele é ascese, luva de crina da razão, desmistificação das ideias recebidas sobre o mundo. A poesia, aqui, torna-se crítica da poesia, mas também da filosofia, da teologia, da moral, da política, da arte, da cultura. Ela leva a julgamento tudo aquilo que, na nossa vida, nos parece habitualmente mais humano: os sentimentos, as ideias, os valores, a beleza, a bondade. Que é que fica, quando a ironia do poeta arrumou e limpou deste modo a consciência? Tudo o que a palavra-“fétiche” de Caeiro designa, e que volta a cada instante: a *natureza*, qualidade de tudo o que pertence ao mundo sensível, visível, infra-humano. A *Natureza*, com maiúscula, o ser imanente que suporta e anima tudo o resto.

Mas mesmo essa palavra, *Natureza*, é enganadora, e é preciso não nos deixarmos cair na armadilha. Caeiro pretende ser “o Descobridor da Natureza”, diz “amar a Natureza”, propõe-se “cantá-la”. Mas acrescenta que “não a conhece”, que “não sabe o que ela é”; e finalmente, num dos últimos poemas do *Guardador de Rebanhos*, ele que sempre negou que o mundo tenha um significado transcendente e oculto, entrevê “o que é talvez o grande segredo”, ou “o famoso grande Mistério de que falam os falsos poetas”:

*“Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas.
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.*

*A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.”*

Num outro poema, descrevendo “um renque de árvores lá longe”, ele repete:

*“Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.
Renque e o plural árvores não são coisas, são nomes.”*

Em última análise, portanto, um “poema” deveria ser apenas uma enumeração de “coisas” reais, como uma paisagem ou uma natureza-morta em que tudo é simplesmente oferecido à vista. O poema perfeito seria uma pura denominação, sem nada que comovesse, sugerisse, fizesse pensar, imaginar ou sonhar. O método de Caeiro para tomar o partido das coisas consiste em colocar-se perante elas, sem nada que se interponha entre elas e o seu olhar “azul como o céu”, cuja perfeita transparência aceita, como um dado fundamental, a sua perfeita opacidade. As coisas não têm dentro, elas resumem-se à sua aparência. O poeta também não tem interior, ele resume-se ao seu olhar. Vê um mundo diáfano, sem sombras, sem obstáculos, sem falhas, exatamente o contrário do Pessoa “ele mesmo”, que é um mundo de ecos e de reflexos em que tudo remete para outra coisa, em que só se conseguem apreender signos. O universo de Caeiro é plano, sem profundidade, sem significado mas também sem vácuos de sentido, visto que cada coisa se significa plenamente e apenas a si própria.

Assim posta em contacto imediato com as coisas na sua pura imanência, a consciência do poeta só pode aceitá-las tal como são. O ser é o único valor possível. Tudo o que existe só pode ser bom. Este sim dito à criação é a única felicidade; a harmonia com o mundo traz a paz interior. E esta aceitação da vida é também a aceitação da morte. Vários poemas de Caeiro são “testamentos”, em que canta a alegria de existir dentro da ordem das coisas.

*“Se soubesse que amanhã morria
E a primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.”*

Chegar a esta visão depurada das coisas, despojada de toda a subjetividade, [...] é claro que não se consegue sem esforço. Supõe uma formação, uma ascese.

*“Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender...”*

O *Guardador de Rebanhos*, defesa e ilustração desta nova via para atingir o real, é antes de mais o manual dessa aprendizagem, ou o breviário destinado a guiar os discípulos nos seus exercícios espirituais, que deverá permitir-lhes desfazer-se de toda a espiritualidade. Esta espécie de método de não meditação baseia-se num princípio de negatividade. É impossível citar todos os exemplos das formulações negativas que dão ao estilo de Caeiro a sua tonalidade (ou a sua atonalidade) própria:

*“O único sentido íntimo das coisas
É elas não terem sentido nenhum...”*

*“Que te diz o vento que passa?
[...]
O vento só fala do vento.”*

*“A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe
Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.
Não significa nada.”*

*“Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir [...]
Nada pensa nada.”*

Mas assalta-nos uma dúvida à leitura deste manual da “desaprendizagem”. Caeiro, o “mestre”, parece interiorizar aí o discípulo (Pessoa), tal como Pessoa, para escrever os seus poemas, interiorizou o mestre. Ele está perfeitamente consciente desta ambiguidade:

*“Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.”*

*“Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens...”*

Quem fala assim? O mestre, suficientemente seguro de si para ousar confessar a sua fraqueza? O discípulo, suficientemente avançado no seu estudo para assumir o papel do mestre? Mas outra dúvida nos surge: não será, de uma ponta à outra, o discípulo, Pessoa, que fala em nome do mestre? O maior paradoxo desta poesia é o de ser apenas a glosa de si mesma. O poeta diz-nos que “vê” e “sente” as coisas, mas nós, que o lemos, sabemos bem que ele apenas pensa que vê o que ele gostaria de ver; e que ele se sente pensar que vive, mais do que vive verdadeiramente. Nos seus versos, fala-se de “coisas”, de “árvores”, de “flores”, mas nunca de uma coisa em particular, de uma árvore, com o seu nome e descrição, de uma flor, com a sua forma e a sua cor. Também isto é consciente e voluntário. Esta inadequação das palavras às coisas é a juntura escancarada pela qual, neste universo da denotação e da tautologia, se reintroduz a poesia, que fala por imagens e figuras. A arte poética de Caeiro exclui em princípio a metáfora, mas a sua obra é metafórica de uma ponta à outra.

*“Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações...”*

É um falso pastor que conta assim as parábolas de uma arte de viver de que teve a revelação no transe do “dia triunfal”. Toda a sua obra, disse um crítico, é uma espécie de sonho acordado [...].

BRÉCHON, Robert, 1996. *Estranho Estrangeiro*. Lisboa: Quetzal